



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

ENTRE LUGARES: OS BRASIS DE VILÉM FLUSSER E ELIZABETH BISHOP

Manuela Fantinato (PUC-Rio)

RESUMO: Vilém Flusser e Elizabeth Bishop tiveram suas vidas profunda e contraditoriamente marcadas pelo período que passaram no Brasil, embora nada possa aproximar suas experiências. No que toca à escrita, percorrem caminhos opostos, no entanto, igualmente pautados pela liberdade. Flusser empreende aprendizado obstinado da língua, que lhe abre a inspiração para um tipo particular de escrita, a ensaística, baseada em autotraduções constantes; Bishop mostra total desinteresse ao português, que nunca aprende, mas to qual não consegue se furtar, seja pelo uso de diversas palavras em seus poemas, seja porque empreende diversas tentativas de traduções de escritos brasileiros para o inglês. Ambas as experiências redefinem relações com o tempo, a memória e a subjetividade, além da mais evidente, com o espaço. Atravessam todas essas dimensões, atravessando culturas e criando um entre-lugar que parece nunca ser estável. Ao mesmo tempo, essas experiências criam lugares de mediação da cultura brasileira alhures. Este trabalho parte do livro de correspondências de Bishop, *Uma Arte*, e da autobiografia de Flusser, *Bodenlos*, para refletir sobre essas experiências e como configuram peças importantes de compreensão e interpretação da cultura brasileira, formada por tantos elementos estrangeiros e paradoxais.

Palavras-chave: Vilém Flusser. Elizabeth Bishop. Exílio. Escrita.

Em seu livro sobre escritores de fala alemã no Brasil durante a época do nazismo, Izabela Maria Furtado Kestler (2003) faz a ousada afirmação de que em nenhum outro país escritores exilados se ocuparam com tanta frequência do país que os abrigou. A afirmação é ousada, pois o assunto parece não gozar de muita popularidade por aqui e, portanto, são escassas as pesquisas sobre o tema. Enquanto isso, a academia alemã dedica grandes esforços à sistematização e compreensão das variadas formas do que chamam Literatura de Exílio, e intelectuais de países como Estados Unidos, México e Argentina, dedicam-se a estudar os efeitos de longa duração na cultura local provocados por intelectuais e artistas exilados.

Quando se fala em experiências de exílio, parece frustrante e limitador procurar por respostas conclusivas ou dar qualquer contorno definido à multiplicidade de

exemplos sob os quais têm aparecido nestes últimos séculos. Trajetórias individuais, os motivos que as lançaram ao exílio e suas consequências são tão diversos quanto são os lugares de onde vêm, suas línguas maternas e suas religiões. Mas vale notar a particularidade da experiência de exílio da modernidade tardia, do homem que já possui determinadas noções de sociedade, subjetividade e liberdade mais permeáveis e complexas, de modo a problematizar toda e qualquer experiência a partir da consciência de riscos e possibilidades, de que o mundo e a vida não são medidas seguras e estáveis.

No caso de artistas e intelectuais, é importante ter em mente que muitas dessas pessoas seguiram produzindo nos países que lhes acolheram, reunindo-se em comunidades de experiências semelhantes e também interagindo com seu ambiente, oferecendo novas referências e ressignificando as suas próprias em função dos novos contatos. Se esse trânsito de ideias possui relação direta com a circulação de conhecimento, ele também parece ser muito potente na produção de sentido, de novas ideias e novas interpretações. Isso produz dois efeitos que se alimentam reciprocamente – a relação com o mundo à sua volta e a relação consigo mesmo.

De maneiras totalmente distintas, essa estranheza aparece na vida e na obra de dois contemporâneos no Brasil. Esse é o caso de Vilém Flusser e Elizabeth Bishop, que tiveram suas vidas profunda e contraditoriamente marcadas pelo período que passaram no Brasil, embora nada possa aproximar suas experiências.

Sob as condições de afastamento e exclusão, de diferença, que se constrói o universo do exilado. A ruptura com as referências que o formam e com a convivência de seus iguais, o sujeito é subtraído de seu futuro cujo planejamento é renovado constantemente a partir dos valores, culturas e tradições aos quais está habituado. Perde o espelho a partir do qual criava e alimentava sua própria imagem. Vive sob a pressão de adaptar-se à nova realidade, mas mantém as referências idealizadas de um passado em outro lugar, vivendo permanentemente sob dois mundos e dois tempos, na impossibilidade de ter ambos.

Não sendo reconhecido e não reconhecendo o mundo que o cerca, está em constante estranhamento, uma relação de mão dupla que negocia consigo e com o mundo. Ao mesmo tempo em que convive com o problema de adaptar-se – que pode se

traduzir em tentativa e rejeição –, provoca estranheza ao redor, estando em uma situação de permanente desconfiança, desconforto e deslocamento.

Não há qualquer indício de que Flusser e Bishop tenham se conhecido ou se cruzado por aqui, e suas trajetórias são radicalmente diferentes. Talvez a única chave de aproximação possível seja o fato de terem passado parte de suas vidas do Brasil e terem deixado escritos que chamam atenção por contrastarem com as visões estrangeiras que retratam o país como um paraíso idílico de sorrisos, cuja natureza erótica convida à tentação.

Enquanto Vilém Flusser chega no início de sua juventude ao Brasil em 1940, fugindo da ameaça nazista em Praga, após passar um ano na Inglaterra, e deixando para trás toda a sua família para morrer em campos de concentração, Elizabeth Bishop chega aqui 11 anos depois, aos 40 anos de idade e já com uma carreira como poeta. Flusser é apenas mais um dos milhares de judeus praguenses que procuram abrigo em algum local onde pudessem sobreviver, deixando para trás toda a tradição e as memórias nas quais se reconheciam e se projetavam. Bishop é menina órfã, que perde o pai ainda na infância, enquanto a mãe passa a vida em internada em uma instituição psiquiátrica. Cresce como agregada de parentes e amigos, sem jamais sentir-se em casa.

Ao chegar ao Brasil, Flusser passa quase 20 anos trabalhando em atividades práticas e comerciais, distante das aspirações abandonadas com a fuga de Praga, onde estudava filosofia na célebre Universidade Carolínea, que formara muitos intelectuais ilustres como Einstein e Rilke. Após aproximar-se de um grupo de intelectuais e artistas influentes de São Paulo, torna-se colaborador do *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* e professor na Universidade de São Paulo (USP) e na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP). Sem nenhum diploma formal, dedica-se à docência apaixonadamente e ganha reconhecimento. Nos anos 1970, decepcionado o cenário cultural brasileiro, retorna à Europa, baseando-se na Provença. Começa a escrever sua autobiografia que só será publicada com a sua morte, em 1991: *Bodenlos, uma autobiografia filosófica*.

Nos cerca de 30 anos passados no Brasil, Flusser constrói família e uma sólida carreira que o permite tornar-se intelectual conhecido mundialmente quando retorna à

Europa, e escreve cinco livros, dois deles jamais publicados em vida. Seja como teórico das novas mídias, de filosofia da ciência e da linguagem, ou como pensador da fenomenologia, sua marca é a provocação e a livre reflexão; sem jamais associar-se a nenhuma escola ou linha de pensamento. Mantém-se fiel apenas ao ensaio, única escrita capaz de se articular, e ao método de retradução, pelo qual se escreve e traduz nas quatro línguas que domina: português, alemão, inglês e francês.

Bodenlos, uma autobiografia filosófica é um grande ensaio – ou uma reunião de fragmentos ensaísticos – dedicado ao período que passa no Brasil. Não segue em nenhuma medida uma autobiografia tradicional. Dividida em quatro partes – Monólogo, Diálogo, Discurso e Reflexões – rejeita a cronologia e a teleologia. Seu nascimento discursivo, no primeiro capítulo chamado *Atestado de falta de fundamento*, se dá na experiência do exílio, cujo “clima” é de absurdo. Com essas palavras, abre o livro:

O termo “absurdo” significa originalmente “sem fundamento”, no sentido de “sem raízes”. [...] A tendência das flores sem raiz é o clima da falta de fundamento. O presente livro atestará tal clima. [...]

O termo “absurdo” significa na maioria das vezes “sem fundamento” no sentido de “sem significado”. [...] A movimentação sem significado, tendo por nada o horizonte, é o clima da falta de fundamento. O presente livro atestará tal clima. [...]

O termo “absurdo” significa também sem fundamento no sentido de “sem base razoável”. [...] A sensação de estar-se boiando é o clima da falta de fundamento. O presente livro atestará tal clima. (FLUSSER, 2007, p.19)

O *Monólogo* termina com a descoberta d'*A língua brasileira*, em cujo mergulho possibilitará, mais do que expressar-se – quase sempre o primeiro desafios dos exilados – encontrar algum espaço naquela estranha sociedade e, a partir daí, tornar-se ensaísta e professor. Através dela, que encara como matéria-prima para realizar a vida, Flusser troca sua busca de si pelo engajamento na cultura brasileira. A segunda parte do livro, *Diálogo*, é dedicada a textos sobre pessoas que o influenciaram em sua trajetória no Brasil. Ao introduzir outros em uma “escrita de si”, Flusser marca uma subjetividade formada por contatos e contexto. Os 11 capítulos que se seguem não são dedicados aos outros de sua intimidade, mas a artistas e intelectuais, muito deles também exilados, que marcaram seu pensamento e seu engajamento na escrita e na filosofia. Falando de Alex

Bloch, Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva, Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, Dora Ferreira da Silva, José Bueno, Romy Fink, Miguel Reale e Mira Schendel, fala melhor de si mesmo, em diálogo com o ambiente que o acolheu e ao qual tentava integrar-se. Talvez por isso Flusser use “a gente” no lugar da primeira pessoa do singular, durante quase toda sua autobiografia. Entende-se como fruto do contato com toda a *sua* gente, aquela que ele escolhe e elege.

Nesse contexto, é especialmente particular o comentário de Flusser sobre a natureza brasileira.

Mas a vastidão brasileira não era grandiosa, mas coleção enorme de inúmeras pequenezas. Eram vales pequenos, cercados de colinas pequenas que escondiam outros vales pequenos em repetição infinita. Era, pois o contrário da grandiosidade, era enfado. Não importava em qual direção a gente se dirigia, e quantas centenas de quilômetros viajava: sempre encontrava a mesma natureza. Custava, até a gente se render à evidência de tal falta inacreditável de variedade. Até compreender que este era justamente o terror da natureza brasileira: destrói e tritura pela monotonia da pequenez eternamente repetida. De nada adiantam em tal monotonia os rios-colosso que a cortam: são muito menores que os pequenos rios europeus, por falta de perspectiva. Em suma: é natureza que nem abriga nem causa espanto, mas tritura. Nela era impossível viver para encontrar-se. (FLUSSER, 2007. p. 90-91)

A natureza brasileira é vista por Flusser na chave da ausência. Nela se refletem apenas a impossibilidade de retorno ao familiar e conhecido, e ao mesmo tempo sua própria inadequação no novo ambiente. Mas, se a natureza acentua seu deslocamento, a nova língua e as pessoas que cita constituem-se em sua nova “casa”. Seguem-se às duas primeiras partes de *Bodenlos*, *Discurso*, com capítulos sobre filosofia da ciência e teoria da comunicação, matérias com as quais iniciou sua vida de docente, e *Reflexões*, textos sobre as implicações do exílio e do não pertencimento da condição de estrangeiro. Prática teórica e experiência são, portanto, colocadas lado a lado na construção de si, alertando para um eu que supera a mera fragmentação, compreendendo-se como fruto de ações e tensões. Cada parte de sua autobiografia se abre para a seguinte não em uma lógica cronológica, mas de escolha.

É preciso ressaltar que, embora *Bodenlos* se centre em torno do período ou das questões relacionadas à experiência de Flusser no e/ou sobre o Brasil, o livro é escrito em novo exílio. Após tentar engajar-se na cultura e na realidade brasileiras, Flusser, de

volta à Europa, passa a defender a condição de apatridade como seu próprio estar no mundo, abandonando qualquer desejo de relação com a terra. Esse é o teor da última parte de sua autobiografia, onde compara habitat com hábito: o que caracteriza o hábito é não ter consciência dele. Para ele “pátria não é um valor eterno, mas uma função de uma técnica específica” e apenas o abandono possibilitaria a verdadeira liberdade de escolha. Em suas palavras, existiriam fios invisíveis e inconscientes atando os domiciliados aos homens e às coisas da pátria; o cordão umbilical dos preconceitos e julgamentos que promovem a mesma falta de perspectiva que Flusser caracterizará tanto a natureza, quanto a sociedade brasileira, uma vez que vê cortados os fios que o atavam a ela.

Elizabeth Bishop prefigura um outro tipo de experiência de exílio. Em vez de experimentar uma perda ou expulsão que a confrontasse com a necessidade de encontrar novo lugar, é como se nascesse na ausência e se lançasse em viagens para escapar do não-lugar que era sua vida. Somada à sua orfandade, Bishop vivia, desde que fora obrigada a deixar os avós maternos, lutando contra intensas e sofridas crises de asma e, mais tarde, de alcoolismo, além da solidão da homossexualidade em uma sociedade protestante. Nesse movimento, embarca para uma viagem de circum-navegação da América e faz uma escala no Brasil. O que era para durar poucas semanas, se torna 16 anos quando conhece Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, com quem viverá uma intensa história de amor e uma inserção problemática na sociedade carioca. Lota lhe abre as portas de um pequeno paraíso particular, sua casa nos arredores de Petrópolis, chamada Samambaia. Aí, o tucano que ganha dos vizinhos refugiados poloneses, as intensas águas da chuva e as numerosas borboletas coloridas inspiram uma poesia descritiva que parece florescer ante o colorido novo.

O período em que Bishop passa no Brasil pode ser acompanhado através da vasta correspondência reunida no livro *Uma Arte*, onde se percebe a pulsação do encanto e da felicidade que finalmente encontra numa terra de frutas exóticas, em que porteiros e zeladores a chamam de “senhora” e “minha filha” na mesma frase e com a mesma horizontalidade; em que suas alergias e doenças são tratadas com cuidado e afeto. “(...) meu sangue anglo-saxão aos poucos está se desligando do ciclo das estações,

e estou perfeitamente disposta a viver na mais total confusão quanto às estações, frutas, línguas, geografia, tudo.”¹

Nos primeiros anos, o Brasil é visto e vivido por Bishop do alto de uma montanha quase mágica, como um não-lugar onde pode se reinventar e fazer coisas que nunca tinha pensado, como dirigir, ter um tucano, trabalhar intensamente e viver o amor. “Estou trabalhando de verdade, escrevendo uns contos e um poema longo sobre o Brasil, e fora a asma as coisas não poderiam estar melhores.”² A relação se torna conflituosa quando desce os cerca de 80 quilômetros que a separam da casa de Lota na orla do Rio, onde seu eldorado derrete entre ladrõezinhos pobres e onde uma elite pequena a ponto de todos se conhecerem e parecem parentes a espanta com seu inglês fluente. Em carta ao casal de amigos americanos, diz:

[...] Gostaríamos muitíssimo de conhecer o senhor Gross – ou doutor Gross, como imagino que ele seja. (Quase todo homem que se conhece aqui, pertencente às classes respeitáveis, é doutor. Acho que até eu sou doutora, graças a meu mísero diploma de bacharel) Além disso, todo mundo que a gente conhece fala inglês, e como vocês dizem às vezes eu nem sei como eles conseguem. Diz a Lota que os brasileiros, como os russos, têm que ser bons em línguas, porque ninguém fala português. (GIROUX, 1995. p. 288)

Entre as relações que Bishop tece no Brasil, estão vários poetas como Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, apenas para citar poucos exemplos que, inclusive, traduzirá para o inglês. Mas também uma série de políticos, como Carlos Lacerda e incontáveis *socialites* e intelectuais, ao lado dos quais jamais se sentirá perfeitamente à vontade, muito embora todos compartilhassem as leituras constantes da *Time*, da *New Yorker* e da edição internacional do *N.Y. Times*. Essa relação ambígua com um deslocamento que de certa forma não se incomoda em desfazer, e um pequeno círculo social ao qual, sem interesse, se contenta, talvez explique em parte seu desinteresse em aprender a língua local.

O deslocamento de Elizabeth Bishop não se relaciona com a impossibilidade de retornar à casa, mas à falta de uma casa. O vínculo com Lota, e por conseguinte com o Brasil, começa a degradingolar quando começam a passar tempo demais no Rio, em função da construção do Parque do Flamengo. As crises de alcoolismo de Bishop

¹ GIROUX, 1995. p. 246

² Idem. p. 248

voltam a tornar-se recorrentes e ela assume um emprego nos Estados Unidos para se distanciar, embora ainda viesse ao Brasil e chegasse a comprar uma casa em Ouro Preto. Após a morte de Lota e já oficialmente baseada na América, vai a Brasil com sua nova companheira, mas jamais experimenta o mesmo Brasil. É a casa de Samambaia que configura seu lugar.

Enquanto, no Brasil, Bishop se distancia do mundo real local – suas cartas, veículo de expressão das impressões pessoais, só foram publicadas após sua morte –, ao retornar para os Estados Unidos, parece empreender uma busca eterna por recriar uma espécie de Brasil. Ela, que nunca aprendeu inteiramente o português, dedica-se à tradução de poemas publicados em uma antologia brasileira em 1972, e entre seus projetos está um não realizado livro sobre o Brasil, para o qual havia ganhado uma bolsa da Fundação Rockefeller. Publica vários poemas da fase brasileira ou que remetem às experiências vividas por aqui e escreve prosa sobre o Brasil: *Trip do Vigia* e *To the botequim and back*. Paulo Henriques Britto, tradutor brasileiro da poeta, conta que pouco antes de morrer, Bishop compra um apartamento no porto de Boston, que decora quase exclusivamente com elementos brasileiros, de artesanatos a referências religiosas, sobre a qual conta à amiga Ashley Brown, em carta de 1973: “A vista não chega aos pés do Rio, mas sem dúvida é melhor do que a Brattle Street”.³

Flusser e Bishop tiveram suas vidas profunda e contraditoriamente marcadas pelo período que passaram no Brasil, embora nada possa aproximar suas experiências. No que toca à escrita, percorrem caminhos opostos – Flusser do aprendizado obstinado da língua, que lhe abre a inspiração para um tipo particular de escrita, a ensaística, baseada em autotraduções constantes; Bishop do total desinteresse ao português, que nunca aprende, mas do qual não consegue se furtar, seja pelo uso de diversas palavras em seus poemas, seja porque empreende diversas tentativas de traduções de escritos brasileiros para o inglês – para, ambos, adotarem a liberdade como critério principal de escrita. Se os ensaios de Flusser são gênero sem fundamento, uma vez que se caracterizam pela negação de todo o método, e que partem da experiência, combinando o pessoal, formal e o informativo, Bishop ao longo de sua carreira, jamais se fixa em uma métrica ou um

³ GIROUX, 1995. p. 641

tipo de poesia. Percorre diferentes tipos de verso, obedecendo o que acredita ser mais conveniente, e chega a publicar prosa e poemas em prosa.

Bishop toma a natureza brasileira como musa para sua poesia e mantém intensa correspondência na qual registra opiniões e impressões que pouco ousava abrir publicamente, mas nos 16 anos que aqui passa, parece estar no Brasil como em qualquer outro lugar. Socialmente perfeitamente inserida na elite carioca, permanece deslocada e distante. Estranhamente é fora do Brasil que se volta a ele e termina em qualquer lugar como se aqui estivesse. Flusser se engaja a tal ponto na cultura brasileira que se torna professor influente de toda uma geração de jovens, coeditor da Revista Brasileira de Filosofia e colunista de um dos principais jornais do país. Quando sai do país, passa 20 anos tentando processar a experiência brasileira que define sua vida, sobretudo no sentido da desilusão de engajar-se em um lugar.

Trata-se de experiências que redefinem relações com a memória e a subjetividade, além da mais evidente, com o espaço. Atravessam todas essas dimensões, atravessando culturas e criando um entre-lugar que parece nunca ser estável. Ao mesmo tempo, essas experiências criam lugares de mediação da cultura brasileira alhures. Lugares alternativos e pessoais, é verdade, mas que não devem ser ignorados como peças importantes de compreensão e interpretação dessa cultura formada por tantos elementos estrangeiros e paradoxais, sob a imagem imperativa dos braços abertos.

Referências

- ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”. In **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.
- BERNARDO, Gustavo. “A Épokhé brasileira”. In FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro, em busca do novo homem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- BISHOP, Elizabeth. **Poemas do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- BRITTO, Paulo Henriques. “Elizabeth Bishop: os rigores do afeto” e “Bishop no Brasil”. In BISHOP, Elizabeth. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos, uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.

- FLUSSER, Vilém. “Exile and Creativity”. In Vilém Flusser Archive: <http://www.press.uillinois.edu/s03/flusser.html>
- FLUSSER, Vilém. “Retradução enquanto método de trabalho”. In: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a202.htm> (visto pela última vez em 28/03/2011)
- FREUD, Sigmund. “O estranho”. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**, volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, pp. 273-318.
- GIROUX, Robert. **Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo**. São Paulo. Edusp, 2003.
- PAVEL, Thomas. Poetics Today, Vol. 17, No 3. Creativity and Exile: European / American Perspectives I (Autumn, 1996) PP 305-315.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p.46-60.
- STAROBINKI, Jean. “Es posible definir el ensayo”. in Cuadernos hispanoamericanos, No 575, 1998. p. 31-40.
- TODOROV, Tzvetan. **L’homme dépaycé**. Paris: Seuil, 1996.